BCE minimiza possibilidade de um terceiro pacote de ajuda à Grécia

Conselheiro do banco encerra visita a Atenas aconselhando governo grego a persistir nas reformas, sem falar em novo resgate

O membro do Conselho Executivo do Banco Central Europeu (BCE) Joerg Asmussen encerrou visita a Atenas, ontem, recomendando que o governo grego persista com suas reformas econômicas que, segundo ele, começam a dar frutos. "Eu sugiro continuar o que as reformas começaram, não para exibir o progresso realizado, mas simplesmente para mostrar perseverança, mesmo que seja difícil", afirmou Asmussen durante a visita.

"Nós vemos os primeiros sinais de estabilização quando olhamos para os dados do crescimento no segundo trimestre. Mas é claro que reconheço que é um processo doloroso e que o desemprego atingiu níveis inaceitáveis".

A visita foi ofuscada por declarações do ministro das Finanças da Alemanha, Wolfgang Schaeuble, que afirmou na terça-feira que a Grécia precisaria de um novo resgate - uma possibilidade que Asmussen procurou minimizar.

Uma autoridade do banco central da Grécia disse à Reuters que o presidente do Banco da Grécia, George Provopoulos, informou Asmussen que o fundo de resgate do país tem uma proteção de cerca de 8 bilhões de euros, que poderia crescer para 13 bilhões ou 14 bilhões depois de uma reestruturação e cortes de custos -o suficiente para cobrir as necessidades de capital dos testes de estresse do banco mais tarde este ano.

Mergulhada em seu sexto ano de recessão, a Grécia já foi socorrida duas vezes deste 2010 com 240 bilhões de euros em empréstimos coordenados pelo BCE, União Europeia e Fundo Monetário Internacional.

As declarações de Shaeuble reavivaram a discussão sobre uma nova ajuda ao governo grego, a terceira em três anos. A economia grega encolheu a uma taxa anualizada de 4,6% no segundo trimestre, contribuindo para uma contração superior a 20% em termos reais desde 2008.

NÚMEROS

€ 14 bilhões

Valor da reserva de proteção que a Grecia conseguirá com os cortes de custos, suficiente para o teste de estresse bancário

5,1%

Contração anualizada da economia grega no primeiro semestre, que contribui para alimentar comentários sobre novo pacote de ajuda

Louisa Gouliamaki/AFP

Provopoulos: garantia de que país tem uma proteção de 8 bilhões de euros que pode chegar a 14 bilhões

Embora os números, divulgados na semana passada, foram um pouco melhor do que a média da previsão de economistas, que apontava para contração de 5%, continuam sendo pouco animadores os gregos, que enfrentam o sexto ano consecutivo de recessão, tendo em vista que as medidas de austeridade reduziram o consumo privado, principal motor da economia.

O governo grego e os credores que injetaram recursos no país projetam contração de 4,2% para o ano inteiro.

"A recessão vai desacelerar no terceiro trimestre, ajudada por turismo, e, no quarto, ajudada pela base de comparação", disse o economista do Alpha Bank Dimitris Maroulis. "Isso significa que a recessão não deverá exceder 4,2 por cento este ano", justificou.

A contração da economia grega no primeiro semestre de 2013 ficou em 5,1%, de acordo com a taxa anualizada. O número também ajuda a atiçar a discussão sobre um provável novo pacote de ajuda ao país. **Agências**

Investigação sobre armas químicas na Síria divide nações ocidentais

Cautela dos EUA torna improvável ação rápida contra governo sírio proposta por Inglaterra e França

A Organização das Nações Unidas exigiu ontem que a Síria conceda aos seus peritos em armas químicas acesso imediato aos subúrbios de Damasco sob controle dos rebeldes, onde gás venenoso aparentemente matou centenas de pessoas a poucos quilômetros do hotel da equipe da ONU.

Não havia sinal, no entanto, de que a equipe da ONU consiga em breve colher amostras das cenas de horror que provocaram comparações com o uso de gás letal contra milhares de curdos iraquianos em Halabja em 1988.

Adversários do presidente sírio, Bashar al-Assad, disseram que o total de mortos estava entre 500 e bem mais de 1.000, e que mais corpos estavam sendo encontrados após o aparecimento de uma misteriosa fumaça letal na madrugada de quarta-feira, que o governo sírio insiste em dizer que não é responsável.

Muitos rebeldes e ativistas da oposição síria dizem que perderam o interesse nas promessas de investigação da ONU sobre os crimes de Bashar al-Assad e na ajuda de fora

Imagens, inclusive de alguns fotógrafos que prestam serviço à Reuters, mostraram dezenas de corpos dispostos no chão, sem sinais visíveis de ferimentos.

Continua improvável que as conversas, principalmente da França e da Grã-Bretanha, sobre uma resposta estrangeira rigorosa resultem em uma ação rápida e conjunta, devido à oposição russa e à cautela dos Estados Unidos.

Moscou disse que os rebeldes podem ter lançado gás para desmoralizar Assad e pediu-lhe para concordar com uma inspeção da ONU. Na quarta-feira, as objeções russas em relação à pressão ocidental sobre a Síria levaram o Conselho de Segurança a apenas pedir "clareza" no incidente - posição que frustrou os rebeldes sírios, que a descreveram como "vergonhosa".

Ontem, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, disse que a Síria deve deixar que a equipe da entidade, já em Damasco, investigue o ataque "sem atraso". Ele disse esperar uma resposta rápida e positiva. **Reuters**

Acervo digital para fins educacionais. Proibido o uso deste material.

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 23, 24 e 25 ago. 2013, Mundo, p. 29.